

**“Quem matou Marielle? E por quê?”:
Disputa de sentido na Rede Social Digital Twitter**

Luan Pazzini Mendonça

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mapear, analisar e entender quais sentidos foram gerados a partir dos comentários dos usuários na pergunta “Quem matou Marielle? E por quê?”, feita pela jornalista Eliane Brum, em sua conta na Rede Social Digital Twitter, no dia 12 de março de 2019, 364 dias após o assassinato da vereadora. Neste trabalho, buscaremos entender os sentidos gerados num contexto de uma Rede Social Digital. A disputa de sentidos advém dos comentários que foram analisados via Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais, que permitem diferentes formas de abordagem e acionam um processo de produção de sentido. É também proveniente dos comentários feitos pelos leitores, gerando o que entendemos como semiose. Foram identificadas oito categorias: Bolsominion, Deslegitimação/Contraponto com outros casos, Suposição, Ironia, que, dispostas no campo problemático, geraram tensionamentos diversos referentes ao assassinato de Marielle Franco. Conceitos oriundos dos processos de acontecimentos em rede, das dinâmicas presentes nas plataformas de redes sociais e dos marcadores sociais da diferença contribuíram para as análises desenvolvidas.

Palavras-chave: Marielle Franco. Disputa de Sentidos. Marcadores da diferença. Redes sociais digitais.

ABSTRACT

This article aims to map, analyze and understand which meanings were generated from the users' comments on the question “Who killed Marielle? And why?”, made by journalist Eliane Brum, in her account on the Social Digital Network Twitter, on March 12, 2019, 364 days after the councilor's murder. In this work, we will seek to understand the meanings generated in the context of a Digital Social Network. The dispute over meanings comes from the comments that were analyzed via Analysis of the Construction of Meanings in Digital Networks, which allow different forms of approach and trigger a process of meaning production. It also comes from comments made by readers, generating what we understand as semiosis. Eight categories were identified: Bolsominion, Delegation/Counterpoint with other cases, Assumption, Irony, which, placed in the problematic field, generated different tensions related to the murder of Marielle Franco. Concepts arising from the processes of network events, the dynamics present in social media platforms and social markers of difference contributed to the developed analyses.

Keywords: Marielle Franco. Dispute of Meanings. Difference markers. Digital social networks.

1 INTRODUÇÃO

Marielle Francisco da Silva, mais conhecida como Marielle Franco, virou símbolo de resistência. Uma mulher assumidamente bissexual, oriunda da favela, defensora dos direitos humanos¹, Marielle era atravessada por todos os tipos de opressão, criados por um sistema machista e racista.

Marielle foi executada na região central do Rio de Janeiro no dia 14 de março de 2018, junto ao seu motorista, Anderson Gomes, que morreu enquanto trabalhava.

Sua militância iniciou no ano 2000, após ingressar no curso pré-vestibular comunitário, oferecido na Maré. Após dois anos de estudo, em 2002, ingressou com bolsa integral, obtida por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI), no curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).

Em 2014, como requisito para o título de mestre em Administração pela Universidade Federal Fluminense (UFF), apresentou a dissertação intitulada “UPP – a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro”.

No pleito eleitoral de 2006, Franco trabalhou na equipe que elegeu Marcelo Freixo à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Com a posse do Deputado Estadual, foi nomeada assessora parlamentar de Freixo, onde permaneceu trabalhando por dez anos.

Em 2016, em sua primeira disputa eleitoral, Franco se elegeu, sendo a quinta vereadora mais votada nas eleições para a cidade do Rio de Janeiro, com 46,5 mil votos. Em 14 meses de mandato, apresentou 13 projetos voltados para a defesa das mulheres.

Após ser eleita, foi nomeada relatora da Comissão dos Vereadores que fiscaliza a intervenção militar no Estado carioca, diante da qual não se mostrava

¹ Segundo o preâmbulo da Declaração Universal dos direitos Humanos: A ASSEMBLÉIA GERAL proclama A PRESENTE DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição (ONU, 1948).

favorável e sempre se posicionava perante os avanços violentos contra os

moradores. Franco foi uma das 32 mulheres negras eleitas vereadoras nas capitais brasileiras em 2016, 3,9% de um total de 811 vereadores. Marielle ocupava um lugar dado, historicamente, para poucos. Criada na favela, a parlamentar sabia a forma de atuação da polícia.

Duas semanas antes de ser assassinada, a vereadora havia assumido a relatoria da Comissão da Câmara de Vereadores do Rio, criada para acompanhar a intervenção federal na segurança pública do Estado. Na ocasião, ela se posicionava publicamente contra a medida. Além disso, Marielle também denunciava o assassinato de jovens de periferia.

Em 26 de março, no primeiro parágrafo da coluna “Marielle Franco: Como enfrentar o sangue dos dias”, Eliane Brum afirmou estarmos vivendo um momento de brutalidade extrema no Brasil e que estamos mergulhados na “crise de palavra.” (BRUM, 2018, s.p).

Em 30 de março de 2018, dezesseis dias após o assassinato da parlamentar, a jornalista Eliane Brum, em sua conta particular na Rede Social Digital Twitter, iniciou uma contagem dos dias em que o caso do assassinato da vereadora estava sem solução.

É no sentido da “crise de palavra”, que cada comentário realizado no questionamento “Quem matou Marielle? E por quê?” feito pela jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum, no Twitter, pode gerar uma disputa de sentidos. A execução da vereadora abre um campo problemático de tensão, com diversas reverberações, e que, só na área da Comunicação, pode ter diversas entradas. Por isso, neste artigo buscaremos responder a seguinte pergunta: Quais sentidos foram gerados, a partir dos comentários dos usuários² na pergunta “Quem matou Marielle? E por quê?” - feita pela jornalista Eliane Brum, em sua conta na Rede Social Digital Twitter.

Todas as informações levantadas até aqui sugerem que a parlamentar foi executada por motivações políticas. E, apesar da identificação dos prováveis executores, até o momento conclusivo desse artigo, três anos depois do acontecimento, o crime ainda não foi elucidado.

² É importante destacar que os comentários foram transcritos conforme a linguagem dos perfis, o que resulta, ocasionalmente, em erros gramaticais em relação à norma culta da língua portuguesa.

A seguir, abordaremos a plataforma digital que se refere às redes sociais na

internet, pois, ao contrário das ruas, onde as pessoas se uniram para se manifestar contra a barbárie da execução e cobrar investigações das autoridades competentes, o Twitter, rede social em que o acontecimento analisado eclode, foi utilizado para manifestar apoio, mas também para difusão massiva de informações falsas.

2 PLATAFORMAS DIGITAIS

O assassinato de Marielle Franco emergiu nas plataformas de redes sociais. No Twitter, a repercussão foi mundial, pautando veículos de comunicação como El País, The Guardian e Estadão. A rede abrigou o debate sobre as motivações para o assassinato da parlamentar, que se tornaram objeto de disputas de sentidos, especialmente entre: os usuários que viam Marielle apenas como mais uma vítima da violência local e os que deduziam ser perseguição política a uma ativista dos Direitos Humanos.

Diversas informações sobre as trajetórias política e pessoal da vereadora foram veiculadas por meio das plataformas de redes sociais. Notícias sem checagem e fonte segura sobre uma possível conexão da vereadora com o crime organizado, sobre a suposição de uso de drogas e de ela ter engravidado na adolescência foram compartilhadas. A veiculação dessas notícias falsas foi reproduzida por figuras públicas como a da desembargadora Marília Castro Neves, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ), que afirmou em sua conta no Facebook que Marielle Franco estava “engajada com bandidos”.

De maneira cíclica, a sociedade (SAFKO; BRAKE, 2010) vem passando por diversas revoluções em seu modo de vida, devido a avanços tecnológicos. Fator este que ocorre mais uma vez nos últimos anos, devido ao desenvolvimento de diversas inovações tecnológicas nos meios de processamento e difusão da informação.

Esse processo teve início com a invenção dos primeiros computadores em 1954. No entanto, o início da popularização do uso pessoal dos computadores veio a ocorrer décadas mais tarde, tendo como base diversas invenções que trouxeram utilidades novas, passando a facilitar o uso dessa tecnologia.

A comunicação por meio de redes de contatos não é novidade, tampouco

uma tendência trazida pelo avanço da tecnologia. Antigamente, ao se encontrarem,

as pessoas comentavam e compartilhavam o que haviam lido no jornal, ouvido numa novela ou noticiário. A conversa quase sempre levava a outros assuntos sobre a vida, ou sobre as condições climáticas, por exemplo. Assuntos diversos eram discutidos. Safko; Brake (2010, p.29) consideram as redes sociais como “um grupo de pessoas de pensamento parecido que se reúnem em um lugar comum para partilhar pensamentos, ideias e informações sobre si próprios.”

Conforme Fleury; Ouverney (2011), não existe um consenso entre os estudiosos em relação ao conceito de redes, contudo compartilham da ideia de que são um conjunto de relações relativamente estáveis, conectando múltiplos atores com interesses comuns e que partilham recursos para persegui-los, na compreensão de que é pela cooperação que se alcançam as metas.

Paralelamente ao crescimento da internet, percebe-se também o crescente número de acesso³ às novas plataformas digitais criadas para interação entre seus usuários. Entre elas destacam-se: Facebook, Instagram e Twitter.

Para Dos Santos; Cypriano (2014, p.10), essas redes sociais digitais possibilitam trocas de informações diversas, como falar sobre interesses pessoais, produtos e marcas. “Para além dos malefícios da concentração econômica, essas plataformas criam novas hierarquias e problemas sobre: comunicação de interesse público; interpretações da sociedade; acesso a tecnologias; representações de grupos minorizados.”

A necessidade de estar conectado em rede foi o que levou muitos usuários para a web⁴. Segundo a autora José Van Dijck (2013), em uma década, emergiram de forma abrupta novas infraestruturas para sociabilidade online, o que acabou influenciando o campo da sociedade: a comunicação via plataformas digitais. Os autores Parker; Alstyne; Choudary (2016) afirmam que as plataformas digitais utilizam a tecnologia para conectar pessoas, organizações e recursos diversos em um ecossistema interativo, no qual podem ser criadas e trocadas diversas

³ Brasil é 'vice' em tempo gasto em redes em ranking dominado por 'emergentes'. Fonte: BBC NEWS BRASIL. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/nerdices/2019/09/brasil-e-2o-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tem-po-em-redes-sociais.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2019.

⁴ Significa um sistema de informações ligadas por meio da ligação de textos, vídeos, sons e outras animações digitais, que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdos através da internet.

informações. Para eles, a plataforma digital deve oferecer uma estrutura capaz de

viabilizar interações, trocas de bens, “moedas sociais”, ou serviços, onde o produto seja a geração de valor entre consumidores externos e produtores de conteúdos.

Conforme Van Dijck (2013), a invenção da “World Wide Web”, em 1991, impulsionou o surgimento de comunidades e aplicativos para a web. Porém, foi com o surgimento de empresas como Amazon e Google, na Web 1.0⁵, que o “comunismo.com” passou a ser substituído pelo comercialismo.com (VAN DIJCK, p.10, 2013). No início dos anos 2000, com o crescimento constante da Web 2.0⁶ e das plataformas de Redes Sociais Digitais, esses movimentos voltaram a crescer. Plataformas como o Twitter prometiam fazer a cultura mais participativa, colaborativa e focada nos usuários.

Plataformas, em uma de suas definições, utilizam atores (pessoas e organizações e recursos) que permitem e estimulam interações do lado da demanda e do lado da oferta, criando e trocando grandes quantidades de valores (PARKER, ALSTYNE, CHOUDARY, 2016, p.23). As plataformas têm como objetivo “consumar o contato entre usuários e facilitar a troca de bens, serviços ou 'moedas sociais', propiciando, assim, a criação de valor para todos os participantes.”

Há que se apontar a diferença entre site de rede social, de uma plataforma de Rede Social. A diferença é evidente: redes são agrupamentos de elementos que formam uma estrutura interligada. Uma Plataforma de Rede Social constitui-se quando esses elementos são ligados por pessoas em interação, a agrupamentos de indivíduos sob interesse comuns.

Numa plataforma de Rede Social, a conversação é mantida por uma estrutura de rede, ou seja, elas apenas existem se houver interação entre elas. O Twitter aparece como uma das redes sociais mais populares no uso da modalidade conquistada pelo melhoramento tecnológico como fator de integração à sua plataforma na internet.

Para Van Dijck (2013), o entendimento de “comunicação em rede” deve ser substituído por “sociabilidade em plataforma”, e destaca que a noção de “cultura participativa”, utilizada em estudos referentes a Web 2.0, deve ser entendida como

⁵ Definido como um site estático e sem nenhuma forma de interatividade com os leitores.

⁶ Considerada a segunda geração de serviços on-line, que Primo (2007, p.2) define como “publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”.

“cultura da conectividade”, que estuda as influências da estrutura das redes sociais

na formação de memórias e identidades. A autora explica que os estudos relacionados às Redes Sociais Digitais oferecem um grande desafio aos modelos de pesquisa existentes, pois elas tendem a separar a interação entre usuário e tecnologia da estrutura socioeconômica organizacional, quando, na realidade, o entrelaçamento íntimo de ambos os níveis, assim como a dinâmica entre ecossistema e microsistemas, é difícil de ser identificado em uma única teoria ou estrutura analítica. Isso porque os conteúdos, relações e conexões mediadas via plataformas de redes sociais, como por exemplo, o Twitter, não estão isentos de processos de manipulação de informação, visto que são ambientes lucrativos para fins corporativos.

Conforme Dos Santos; Cypriano (2014), importantes mudanças ocorrem nas redes digitais que habitam a internet e que têm em comum um mesmo a priori tecnológico - a web como plataforma, a web relacional, participativa.

Ainda conforme Dos Santos; Cypriano (2014), é a partir dos espaços criados nas plataformas digitais que se abrem novos locais de troca e compartilhamento entre indivíduos que são, em princípio, parceiros na animação desses espaços e que qualquer um deles, estando em condições de tomar a palavra e fazer uso de seu poder de enunciação, emite uma opinião formada ao seu público.

Para Van Dijck (2013), compreender o usuário dentro do contexto das Redes Sociais é algo complexo e multifacetado. Interagindo com o que a autora chama de “Cultura Colaborativa”, estão os atores, primeiros elementos da Rede Social. Para Recuero (2009), os atores são as pessoas envolvidas na rede e são elas que atuam para moldar as estruturas sociais estabelecidas por meio da interação e da constituição de laços sociais.

Dessa forma, embora a sociedade esteja ligada mundialmente via redes de computador, ela não ocupa um papel estável no processo comunicacional. A rede depende das interações de seus atores e da movimentação conjunta, responsáveis por ativar a circulação de informações, a partir de percepções do lugar que eles ocupam neste espaço.

Segundo Marteleto (2010), as plataformas de redes sociais digitais, desde o seu surgimento, representam uma importante fase de cultura no mundo e proporcionaram, ao longo do tempo, novas formas de comunicação.

A geração de interação criada pelas redes sociais possibilitou a visualização

de um mundo mais global, gerando fluxos conversacionais, que antes seriam impossíveis, devido à grande interação que hoje se estabelece. Reunir um grupo em um só lugar, cujos partícipes sejam ou não conhecidos uns dos outros, possibilitando diversos tipos de interação, num curto espaço de tempo, foi o grande mote para que as Redes Sociais Digitais se espalhassem. Outro benefício visto nas redes sociais era o baixo custo de uso, se comparadas com uma ligação telefônica ou com o deslocamento até a pessoa com quem se intentava comunicar.

3 CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS COMENTÁRIOS DO TWITTER

Os últimos anos foram marcados por inúmeros acontecimentos que renderam engajamento nas Redes Sociais Digitais. Para Henn; Pilz; Machado (2018), com o uso e apropriações das Redes Digitais, os cidadãos estão deixando de ser apenas receptores das informações, e passando a assumir o papel de criar e pensar em novos movimentos sociais.

Conforme citado anteriormente, a rede abrigou o debate sobre as motivações para o assassinato da parlamentar que se tornaram objetos de disputas de sentidos, especialmente entre os usuários que acreditavam que Marielle fora vítima da violência local e os que deduziam ser perseguição política a uma ativista dos direitos humanos. Entendo como sentido o que Henn; Oliveira (2015, p.85) definem como “um espaço de disputa de sentidos entre os diferentes sistemas que se dedicam a interpretar o mundo conforme diferentes repertórios e interesses: o sistema social propriamente dito, o sistema capital/mercado, o sistema político...”

A disputa de sentidos, advinda dos comentários, foi analisada via Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais, que tem inspiração na cartografia, com objetivo de entender sentidos inaugurados em torno de algum processo empírico, que se constituem em redes digitais, e refletir, por meio de teorias específicas, sobre o corpus constituído em nível exploratório e qualitativo.

Além do Rio de Janeiro, manifestantes começaram a organizar, pelas redes digitais, protestos em outras cidades do país como: Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Manaus e Natal.

No dia 15 de março, o site do jornal El País Brasil noticiava “Marielle Franco,

vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas

negras.” No mesmo dia, o site da Revista Fórum noticiava “Marielle Franco, vereadora do PSOL, é executada no Rio de Janeiro.”

3.1 PROCESSOS METODOLÓGICOS

As plataformas de redes sociais assumiram importante influência na maneira como as relações sociais se transformam. Plataformas como Twitter e Facebook se encontram no foco das discussões sobre globalização e fluxo de informações. Para Henn; Pilz; Machado (2018, p.9) “a consolidação dos sites de redes sociais e dos smartphones, associados às tecnologias 3G e 4G, intensificam as dinâmicas de conectividade e aprofundam as transformações em curso.”

Para realizar a análise dos sentidos produzidos a partir dos comentários feitos por usuários no Twitter, tendo como base exploratória as perguntas da jornalista Eliane Brum, serão utilizadas as técnicas já mencionadas.

Para identificar os processos presentes nos comentários, Henn (2013, p.91) propõe um “mapeamento dos processos constitutivos destes signos e de suas respectivas semioses na intensa transformação acontecimento/signo/interpretante/signo que se dá no ambiente da web.”

A Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais apresenta três movimentos: o de mapear e identificar, o de agrupar as constelações de sentidos (neste trabalho chamamos de categorias) e o desenvolvimento de inferências. Em mapear e identificar, o foco está na exploração e captura de dados. Na sequência são criadas as categorias e, em inferências, o desdobramento e a problematização dos sentidos categorizados na análise. Essa problematização desenvolve-se com a identificação dos marcadores sociais da diferença presentes nos comentários já categorizados. Explicamos, a partir daqui, alguns movimentos metodológicos que foram articulados visando a construção do *corpus* da pesquisa.

3.2 CATEGORIZAÇÃO DE INTERAÇÕES

A categorização proposta foi elaborada a partir dos comentários feitos pelos usuários na pergunta da jornalista Eliane Brum, na sua conta pessoal da Rede

Social Digital Twitter. A formulação teve como base os comentários observados e as

classificamos como:

- Bolsominion;
- Deslegitimação / Contraponto com outros crimes;
- Suposição.

A partir da classificação dos 63 comentários em que a interação foi realizada pelos usuários obtivemos o seguinte levantamento.

Tabela 1 - Categorização dos comentários

Categoria	Comentários
Bolsominion	18
Deslegitimação / Contraponto com outros crimes	23
Suposição	15

Fonte: elaborada pelo autor

Conforme Henn (2013) todo o indivíduo é afetado por algo, por isso, é importante destacar que, a afetação faz parte da natureza do acontecimento e está por trás das categorias analisadas. Podemos perceber que o leitor comenta uma publicação por se sentir afetado pelo questionamento.

3.3 CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS INTERAÇÕES

Para realizar a análise, destacamos os sentidos acionados nos comentários dos usuários. As categorias serão apresentadas em ordem alfabética. Após descrever cada categoria serão apresentados os comentários dos usuários e as análises.

3.3.1 Bolsominion

Expressão pejorativa designada aos seguidores que estão alinhadas com os ideais e crenças do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Principalmente nas Redes Sociais Digitais, os bolsominions são conhecidos por discursos de ódios contra homossexuais, negros e feministas.

Comentário 01: 12 de março de 2019 – 364 dias

- E quem mandou matar Bolsonaro e pq? Quem paga os advogados do Adélio?

Marielle representava a mulher negra pertencente à comunidade LGBT. Sua posição política era de resistência. Lutava pelo reconhecimento da igualdade dos povos nas favelas. Deu voz a quem era silenciado.

No caso de Marielle, Bolsonaro ficou em silêncio. O candidato sempre demonstrou pouca consideração pelas agressões sofridas por seus adversários.

No dia 06 de setembro, Jair Bolsonaro levou uma facada em ato de campanha, enquanto cumpria agenda em Juiz de Fora, Minas Gerais. O autor do nebuloso atentado, Adélio Bispo de Oliveira, 40 anos, foi preso no mesmo dia e confessou o crime.

A comoção dos eleitores do político também foi grande, e no dia 19 de setembro foi criada hashtag #QuemMandouMatarBolsonaro. Os usuários exigiam explicações sobre o caso. Conforme noticiado no site do Estadão, editoria política, a facada mudou o rumo da campanha de Jair Bolsonaro. A fala de um de seus filhos foi “você acabaram de eleger o novo presidente.”

Os candidatos à Presidência Guilherme Boulos, do PSOL, Ciro Gomes, do PDT, e seu adversário no segundo turno, Fernando Haddad, do PT, condenaram prontamente o que se entendia como atentado. Não utilizaram suas diferenças ideológicas para descumprir seu dever enquanto homens públicos em uma democracia.

Os usuários, amparados pelos discursos de ódio de políticos e celebridades, passaram a comparar a morte de Marielle com a tentativa de homicídio de Bolsonaro.

3.3.2 Deslegitimação / Contraponto com outros crimes

Categoria que apresenta os comentários que buscam comparar o caso do assassinato da Vereadora com outros casos, tentando deslegitimar a repercussão, como por exemplo, o caso da policial morta em serviço, ou o caso de Celso Daniel.

Comentário 12: 12 de março de 2019 - 364 dias

- Engraçado!. Faz muito tempo que mataram o Celso Daniel!. Vcs da imprensa não fala mais nada, não vejo essa comoção. Quem foi Marielle. Nunca fez nada pelo Brasil...

Em diversos comentários, usuários tentam comparar o assassinato da vereadora Marielle Franco com o do prefeito de Santo André, SP, Celso Daniel, que ocorreu em 2002. O prefeito era uma liderança importante no PT e o acontecimento deixou dúvidas quanto à versão policial de sequestro mal sucedido, que pairam até hoje. Adversários do partido defendem a tese de crime político.

Segundo as investigações, Marielle foi assassinada por milicianos incomodados com a sua atuação na Câmara de Vereadores e Celso Daniel, na época, a Polícia Civil de São Paulo concluiu que o petista foi vítima de um crime comum. Já o Ministério Público de São Paulo (MP-SP), sustentou que houve motivação política. O então prefeito de Santo André teria sido assassinado porque havia decidido acabar com o esquema de propina no transporte, cuja finalidade seria abastecer o caixa 2 do PT. O partido sempre negou as acusações. De qualquer forma, os dois crimes parecem oriundos de motivações bem distintas.

Para Figueiredo (2018) “a sobrecarga de responsabilidades associada ao racismo e às representações estereotipadas sobre o corpo feminino negro tem causado inúmeros prejuízos às mulheres negras, que têm buscado estratégias coletivas como um modo de enfrentamento às desigualdades.”

A autora identifica que mulheres de pele escura e mais pobres são as mais vulneráveis a violação de qualquer tipo de direitos humanos, por serem mantidas à margem dos espaços privilegiados. Os jovens negros e periféricos não fazem parte das “elites simbólicas”, ou seja, as elites educacionais, escolares, políticas e midiáticas que controlam o acesso à maioria dos discursos respeitados pela sociedade.

Marielle se mobilizava a favor das lutas contra a hierarquização de raça, classe e gênero - inclusive entre as próprias mulheres. Buscava ampliar os direitos das vozes caladas, há muito tempo deslegitimadas e silenciadas. Conforme já citado

anteriormente, Marielle em 13 meses de mandato, apresentou 13 projetos voltados

para a defesa das mulheres.

3.4.3 Suposição

Nesta categoria são apresentados os comentários de usuários que, possivelmente embasados pelo compartilhamento e divulgação de informações nas Redes Sociais Digitais, criam hipóteses sobre o assassinato da vereadora.

Comentário 39: 12 de março de 2019 - 364 dias

- O porquê é fácil demais. É só olhar a trajetória dela.

Infelizmente, Marielle só ficou conhecida pós-morte. Antes de sua execução, pouquíssimos haviam notado o trabalho de denúncia que, como vereadora, fazia contra as arbitriedades que afetavam os menos favorecidos, os de sua origem – os preferidos pela foice da morte repentina que também a atingiu.

Após os fatos divulgados publicamente, usuários sugerem que teria havido a participação de policiais ou outros agentes da segurança no crime. Sugerem ter sido um crime bem planejado, pois foram usadas armas e munições sofisticadas, as câmeras de monitoramento do local desligada, e a precisão dos disparos com dois carros em movimento.

Após ser divulgado por veículos de comunicação um possível desaparecimento de provas consolida divergências que não eram novas e diversas especulações de quem seriam as pessoas envolvidas no caso do assassinato da vereadora.

Em um dos comentários, um usuário questiona a participação do Deputado Federal do PSOL, eleito pelo Rio de Janeiro, Marcelo Freixo no desfile da Escola de Samba Mangueira, cujo presidente da agremiação, conhecido como Chiquinho da Mangueira, está preso por ter usado propina de Sergio Cabral para realizar o desfile da escola de samba.

Dentre as diversas marcas que representam o Brasil estão o samba e o carnaval. O país, anualmente, por meio de um gênero musical advindo da cultura africana, o samba, ressoa nas ruas. Fazendo valer a fama, como resposta ao atual

cenário brasileiro, a Estação Primeira de Mangueira, uma das principais escolas de

samba do carnaval Carioca, levou para a Marquês de Sapucaí em 2019 o enredo “Histórias Para Ninar Gente Grande”, que tinha como objetivo contar histórias de personagens importantes da história brasileira que foram esquecidos. A Mangueira levou para avenida o rosto de mulheres, tamoios e mulatos que se mostram à margem da história nacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marielle teve seu mandato interrompido no 14º mês. 425 dias. Eliane Brum, em sua conta no Twitter cobra por uma solução há 22 meses. 680 dias. Após assumir uma vaga na ALERJ, Marielle teve uma trajetória política breve, mas muito marcante. Foi eleita com um número expressivo de votos. O assassinato da vereadora, se mostrou mais do que um simples homicídio.

Ela representava os anseios dos grupos sociais compostos por mulheres, LGBTTQIs, periféricos e negros que deixaram os espaços de invisibilidade aos quais são relegados. A vereadora nunca foi um “cadáver comum” como muitas pessoas a tratam até hoje. Sua morte representou o auge de uma perseguição política, mostrando como seria o futuro eleitoral do Brasil.

Durante seu mandato, Franco escreveu e assinou projetos objetivando melhorar a qualidade de vida de mulheres negras e faveladas, criando programas e campanhas como a de institucionalização do enfrentamento ao assédio e à violência sexual, incorporando datas simbólicas em comemoração à resistência e existência dessas classes. Após sua morte, cinco projetos de lei (PLs) apresentados pela vereadora viraram lei.

A memória da internet impossibilita o esquecimento. Marielle virou semente! Trinta e seis meses após sua morte, no Brasil, suas “sementes” tornaram seu grito de guerra realidade, transformando o luto em luta. Começaram a tomar a frente de organizações políticas e movimentos sociais pelos quais ela lutava.

Nos dias atuais, Marielle virou árvore. A vereadora foi homenageada em shows nacionais e internacionais. Virou nome de escola e praças por todo o mundo. Foi homenageada no desfile da Mangueira, no Carnaval do Rio de Janeiro. Marielle virou “Marielles”.

Marielle virou também nome de rua. A primeira placa com seu nome foi

colocada, em forma de homenagem, na Praça da Cinelândia, local onde fica a Câmara de Vereadores, espaço político que era ocupado por Marielle antes de ser assassinada.

Após analisarmos os comentários na pergunta “Quem matou Marielle? E por quê?”, concluímos que mesmo após a morte física de Marielle Franco, iniciou-se uma tentativa de apagamento de suas ideias e lutas. A intenção, em muitos comentários mapeados, era interligar a morte da vereadora com o crime organizado do Rio de Janeiro.

O discurso de ódio que ataca diversos setores da sociedade, produzindo preconceito, induz as pessoas à intolerância, inferiorizando e criminalizando mulheres, negros e favelados. O ódio aos negros, às mulheres, aos direitos humanos. O ódio às comunidades carentes, às favelas, à cultura popular. O ódio à esquerda e à luta por ela defendida. O ódio matou Marielle Franco.

Concluímos que o ódio que tirou a vida de Marielle Franco foi causado por séculos de racismo, que ganhou fôlego com o crescimento da crise política. A liberdade de expressão, é reivindicada como justificativa para espalhar os discursos de ódio nos comentários mapeados. Liberdade de expressão é um dos direitos fundamentais do ser humano. A constituição Federal brasileira dá garantia a esse ato. Já o discurso de ódio é crime.

Nessas manifestações de ódio, destacam-se aquilo que se entende como marcadores sociais das diferenças. Expressões ou frases que desqualificam Marielle no tocante a gênero, raça e sexualidade ganharam forma nesses comentários.

Quando forem descobertos e revelados os verdadeiros mandantes do assassinato de Marielle Franco, e por quê, não será apenas mais um crime elucidado. É a atual fase do Brasil que poderá ser revelada em meio a todo o seu espantoso horror.

Marielle Franco está presente!

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. Como enfrentar o sangue dos dias. **El País Brasil**. 26 mar. 2018. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/politica/1522080125_945009.html. Acesso em: 01 Jun. 2021.

DOS SANTOS, Francisco Coelho; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Rev. bras. Ci. Soc.** v. 29, n.85 São Paulo, Jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>. Acesso em: 15 nov. 2019.

FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. **cadernos pagu**, n.23, Jul. / Dez., 2004, p.199-228.

FLEURY, Sônia; OUVENERY, Assis Luiz Mafort. **Gestão de redes: a estratégia de regionalização da política de saúde**. Rio de Janeiro: FGV; 2011.

HENN, Ronaldo. **Apontamentos sobre o cibercontecimento: o caso Amanda Tood**. Salvador, 2013.(Trabalho apresentado no COMPÓS, 23.)

HENN, Ronaldo; DE OLIVEIRA, Felipe Moura. Jornalismo e movimento em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 22, n. 3, Jul./ Set. 2015. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20560>. Acesso em: 25 maio. 2021.

HENN, Ronaldo Cesar; PILZ, Jonas; MACHADO, Felipe Viero Kolinski. Celebração do casamento igualitário e homofobia nas redes digitais: #LoveWins na disputa de sentidos oriundos da apropriação da Havaianas. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.21, n.1, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1400> . Acesso em: 25 maio. 2021.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v.30, n.1, p.71-81, jan./abr. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ci/a/6Y7Dyj4cVd5jdRkXJVxhxqN/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 18 mar. 2019.

PARKER, Geoffrey G.; ALSTYNE, Marshall W. Van; CHOUDARY, Sangeet P. **Plataforma – A Revolução da Estratégia**. Barueri: HSM, 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina. 2009.

SAFKO, L.; BRAKE, D. K. **A Bíblia da mídia social: táticas, ferramentas e estratégias para Construir e transformar negócios**. Tradução James Gama. São Paulo: Blucher, 2010.

VAN DJICK, José. **The culture of connectivity: a critical history of social media**. New York: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.